



FLORA BRASILEIRA



DA CHALEIRA DOS BUGRES PARA OS LABORATÓRIOS

As folhas e as cascas da guaçatonga – tradicionalmente usadas como cicatrizantes, contra úlceras e até para minimizar os efeitos de picadas de jararacas – mostram grande potencial no desenvolvimento de fármacos, já na lista de patentes brasileiras

texto LUIZ FIGUEIREDO e fotos LIANA JOHN

Se depender da biodiversidade vegetal brasileira algumas doenças podem estar com os dias contados. Ou, pelo menos, terão seus sintomas bem abrandados. É a guaçatonga (*Casearia sylvestris*) é mais uma das espécies de plantas nativas com muitas possibilidades no combate a enfermidades. A receita da vovó foi herda-da de geração em geração desde os povos indígenas, de onde vem pelo menos dois dos nomes comuns da planta: chá-de-bugre ou erva-de-bugre, usado no tratamento de queimaduras, feri-

mentos, herpes e pequenas inflamações da pele. A folha e a casca da árvore também são reputadas como boas depurativas, tônicas, anti-reumáticas e anti-inflamatórias. A experiência popular a recomenda ainda contra picadas de cobra, como analgésico e no combate às hemorragias em mucosas e pele (embora não sirva para anular o veneno, como o soro antiofídico). E, em Minas Gerais, ainda serve contra mau-hálito, aftas e gengivites.

Muitas das qualidades da guaçatonga propagadas pela medicina popular começam a ser

estudadas clinicamente e validadas pela Ciência. Estão nessa categoria os cicatrizantes de ferimentos e princípios ativos contra úlceras gástricas. Estudos farmacológicos realizados com cobaias de laboratório e com a utilização de extrato da casca apresentaram atividade antiinflamatória na proteção contra os efeitos do veneno da família das jararacas (gênero *Bothrops*). Claro, como sempre, vale o alerta dos pesquisadores: o desenvolvimento de fármacos a partir da descoberta da ação terapêutica de substâncias de uma planta não se dá de imediato. O medicamento demora muito tempo para ser disponibilizado à população, pois até chegar à fase de comercialização, a

Os EUA estudam a guaçatonga para o combate ao câncer

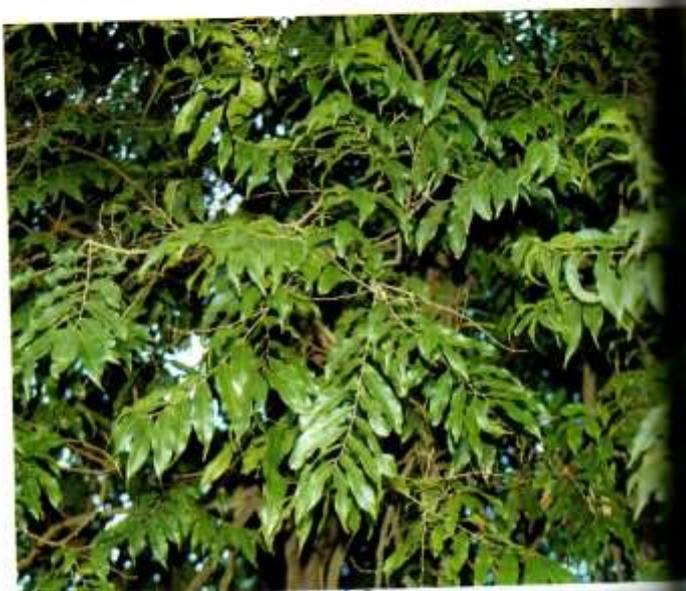
substância deve passar por ensaios clínicos e testes de toxicidade. Não é regra para todos os casos, mas, em média, são 10 anos de estudos para uma substância isolada de uma planta virar medicamento e chegar às mãos do consumidor, sendo que muitas pesquisas envolvendo fitoterápicos promissores declinam na fase de toxicidade.

Grande parte deste processo já foi superada pela pesquisa com a guaça-



tonga desenvolvida no Núcleo de Bioensaio, Biossíntese e Ecofisiologia de Produtos Naturais (Nubbe), da Universidade Estadual Paulista (Unesp), em Araraquara (SP) e Instituto de Biociências da universidade de São Paulo (IB/USP). A substância com potencial para medicamento obtida da guaçatonga para comba-

çatonga (*Casearia sylvestris*) Alberto José Cavalheiro (Nubbe) e Jaime Serté (USP) obtiveram sucesso na cicatrização de úlceras gástricas induzidas em animais de laboratório. A úlcera se caracteriza por lesões na mucosa gástrica ou duodeno e pode atingir todo o sistema gástrico.



Guaçatonga (*Casearia sylvestris*)

Espécie com ampla distribuição no Brasil, da Bahia ao Rio Grande do Sul. É uma árvore pioneira, resistente, importante na regeneração de ecossistemas. Os frutos e as flores são visitados por insetos e pelas aves, sobretudo porque é uma das poucas espécies florestais que produzem néctar no inverno. A floração varia conforme a região: de julho a agosto, ou de setembro a outubro. Frutifica

tos e pelas aves, sobretudo porque é uma das poucas espécies florestais que produzem néctar no inverno. A floração varia conforme a região: de julho a agosto, ou de setembro a outubro. Frutifica

ter úlcera gástrica já tem pedido de patente junto ao Instituto Nacional da Propriedade Industrial (Inpi). Utilizando substâncias obtidas de um extrato de folhas secas da gua-

"A vantagem de um novo medicamento com base na guaçatonga é a de agir por mecanismo diferenciado. De baixa toxicidade, produz o menor efeito colateral possível.

Uma das diferenças em comparação aos medicamentos existentes é a rápida ação, a ausência de alteração do pH do estômago e a indução de contração uterina (o que, neste caso, impede o uso por gestantes)", avalia a coordenadora do Nubbe e colaboradora da pesquisa, Vanderlan da Silva Bolzani, do Departamen-

to e a segurança no uso de medicamentos fitoterápicos, além de evitar que a população seja enganada com promessas de medicamentos à base de plantas 'milagrosas'. A liberação no consumo dos chamados chás caseiros de plantas medicinais apresenta perigos: "A utilização de plantas como fitoterápicos

de plantas medicinais e uma gama variada dessas plantas da nossa biota é muito utilizada. São plantas medicinais consagradas pelo uso popular e que merecem estudos consistentes".

Na era da Biologia Molecular, as descobertas sobre o metabolismo das plantas ajudam a defender o País da biopirataria e garantem opções de fitoterápicos seguros à população. Na Europa, as plantas de eficácia comprovada em estudos científicos são cultivadas em estufas e utilizadas pelas pessoas conforme recomendações precisas. Os benefícios econômicos também são evidentes, tanto que, nos Estados Unidos, os especialistas avançam estudos de substâncias da guaçatonga com princípio ativo capaz de aumentar a resistência imunológica de pacientes com câncer. E o Japão foi além: mesmo sem ser uma espécie nativa, a guaçatonga já tem patente como uma planta com atividade antitumoral.

O Brasil pode se aproveitar do conhecimento tradicional onde os extratos apresentam potencial farmacêutico, como a guaçatonga, e investir no desenvolvimento de medicamentos e outros produtos. As pesquisas da Unesp/Araraquara, por exemplo, têm 4 patentes em produção com indústrias e laboratórios brasileiros; 2 produtos em desenvolvimento como cosméticos e outros 2 produtos em fase pré-clínica para medicamentos com atuação no sistema nervoso central.



UTILIDADES

A folha da guaçatonga é matéria-prima para pesquisas farmacológicas e a madeira é boa para construção civil, carpintaria e marcenaria.

de setembro a novembro, ou de dezembro a janeiro. Há exemplares de boa altura – até 20 metros –, onde a mata é mais aberta ou em área de vegetação secundária. Mas, em geral, os espécimes de matas mais fechadas tendem a ter em torno de 4 a 5 metros. Produz madeira de qualidade para a construção civil,

marcenaria, carpintaria e lenha. Diversificada em sua funcionalidade e nos nomes populares – guaçatonga, chá-de-bugre, café-de-frade, carvalinha, língua-de-teju, petumba, varre-forno e porangaba – a guaçatonga promete ser muito rica também como base para medicamentos.

mento de Química Orgânica da Unesp/Araraquara. Para ela, estudar a confirmação terapêutica de substâncias de plantas medicinais significa aumentar o conhecimen-

to e a segurança no uso de medicamentos fitoterápicos, além de evitar que a população seja enganada com promessas de medicamentos à base de plantas 'milagrosas'. A liberação no consumo dos chamados chás caseiros de plantas medicinais apresenta perigos: "A utilização de plantas como fitoterápicos

PARA SABER MAIS:

Sítio do IQ/UNESP: www.iq.unesp.br
Livros recomendados: *Mata Atlântica, As Árvores e a Paisagem*, Editora Paisagem do Sul; *Plantas Medicinais no Brasil, Nativas e Exóticas*, Instituto Plantarum (www.plantarum.com.br)

AGRADECIMENTOS:

Antônio Genesias, pela colaboração na identificação das árvores fotografadas.